

Discurso na cerimônia de assinatura do contrato de consórcio para implantação do conjunto gás-químico do Rio de Janeiro, entre a Petrobras e a Rio Polímeros Ltda

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 18 DE SETEMBRO DE 1996

Meu caro Governador e amigo, Marcello Alencar; Ministro Raimundo Brito; Demais Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Parlamentares; Senhor Secretário-Executivo do Conselho Coordenador das Ações Federais no Rio de Janeiro, Raphael de Almeida Magalhães; Presidente da Petrobras, Joel Rennó; Senhores Diretores das companhias que constituem agora a Rio Polímeros; Senhores Empresários; Autoridades; Senhoras e Senhores;

A constituição deste consórcio chamado Conjunto Gás-Químico do Rio de Janeiro é emblemática por muitas e muitas razões. Primeiro, é um exemplo de que o Brasil está voltando a investir. Isso é importante. Nós estamos investindo outra vez na infra-estrutura, na formação do homem, na questão da saúde, da educação e na produção industrial.

Nós, este semestre, lançamos ao País a idéia deste Brasil em Ação, que nada mais é do que a concretização, através de 42 projetos, daquilo que já estava definido no PPA. O Brasil voltou a ter a possibilidade de um horizonte e de definir o que deseja, definir as fases, as prioridades e juntar os recursos humanos ou recursos em dinheiro,

para que possamos, efetivamente, retomar um desenvolvimento sustentado. Sustentado não no sentido só de que tenha continuidade, mas de que respeite as regras do meio ambiente e preserve aquilo que é fundamental, que é a renovação dos recursos.

Além disso, nós, há poucos dias, tomamos, também, algumas decisões importantes, que vão ter efeito – os empresários sabem disso. Sancionei a nova regulamentação do ICMS, que vai permitir um grande impulso nas nossas exportações. E não só nas exportações. Ao baratear o custo da produção, ao diminuir o chamado custo Brasil, aumentarão a oferta de empregos e a capacidade de investimento.

Acho que, ao dar curso, hoje, nesta solenidade, à questão do pólo gás químico do Rio de Janeiro, eu estou, na verdade, realizando um compromisso de campanha.

Eu disse “campanha”, lá atrás, eleitoral, mas não há nenhuma insinuação em relação às atuais. Agora, tudo o que eu faço ou deixo de fazer os nossos amigos registram como se fosse alguma coisa que tenha a ver com eleição municipal. Tem nada: tem é com o Brasil. E, na minha visão do Brasil, eu disse que nós teríamos que chamar muito a atenção para certas áreas do País. Não é só o Rio, não. Mas o Rio era uma dessas áreas.

O compromisso nosso, no Rio, era o de criarmos esse polo de gás químico – estava ali acentuado –, como também o porto de Sepetiba, em que o Governador se empenha, com esse jeitão de quem não quer nada. É bom ter um governador que agradece do jeito que Marcello agradece e pede um pouquinho mais, porque assim também vamos sendo motivados a fazer mais coisas. Mas, eu disse, vamos fazer, sim, o porto de Sepetiba. Temos dificuldades que são formais, não são de substância. Nós temos os recursos, temos a vontade e vamos fazer o porto de Sepetiba, que é um projeto do Rio para o Brasil, um projeto brasileiro, é um eixo. Está aqui o autor, pelo menos o mais próximo inspirador junto a mim, da questão dos eixos de desenvolvimento, que é o Eliezer Batista. Em Sepetiba não estamos fazendo um pólo. O gás químico será um pólo. Sepetiba é um eixo de desenvolvimento que vai alcançar o Centro-Oeste, passa por São

Paulo, tem ramificação por Minas. É um projeto de importância nacional localizado no Rio de Janeiro. E, também, o teleporto

Esses eram os compromissos nossos. Estamos cumprindo e vamos cumprir esses compromissos que estavam ligados a esse Conselho Coordenador das Ações Federais no Rio de Janeiro, que deu margem a que realmente tivéssemos esses investimentos.

São investimento vultosos. O Ministro já deu os números, não preciso repetir. Quero apenas dizer que deles a Petrobras vai participar com cerca de 25%. Para uma empresa rica como é a do Dr. Renó – ele faz isso prazerosamente – é pouco, mas é um pouco que frutifica, porque não estamos aqui cuidando, pura e simplesmente, de investimento. Nós estamos cuidando de uma coisa mais importante, que é a mudança do padrão de qualidade, da associação entre a Petrobras e as empresas privadas, entre o Governo e a iniciativa privada. É um novo modelo de associação, que eu acho que merece uma referência especial. É claro, nós vamos utilizar o Rio de Janeiro, o gás natural. Eu imagino que talvez, brevemente, possamos comemorar os 900 mil barris de petróleo por dia, mas, quem sabe, lá no fim do meu Governo, em 98, nós tenhamos cerca de um milhão de barris por dia. Isso é importante. E vamos ter enorme possibilidade de aproveitar mais o gás natural.

Vamos, então, realmente, incentivar a pesquisa. Há questões importantes a serem resolvidas. Vão ser resolvidas, nessa associação com o setor privado, em que estamos alavancando recursos e a Petrobras não apenas passa a ser produtora de matéria prima, mas vai se beneficiar dos resultados já num produto mais enobrecido. Portanto, todos vão ganhar: vai ganhar a Petrobras, vão ganhar os investidores, mas, sobretudo, vai ganhar o Rio de Janeiro, a população do Rio, porque vamos aumentar o número de empregos. São empregos diretos e indiretos, que vão chegar a alguns milhares. Isso, hoje, no contexto que estamos vivendo, é algo muito expressivo.

Nós estarmos aqui, hoje, é emblemático; não só é um prazer para mim, porque estou cumprindo o que disse que faria, porque é para o Rio de Janeiro, mas também porque nós estamos dando um

passo adiante no relacionamento do setor público com o setor privado. E isso é emblemático, isso é importante, isso tem desenvolvimento tecnológico envolvido, tem emprego que se oferece, tem uma sinergia que é importante que se aproveite.

É com esse espírito, espírito novo, de um Brasil confiante, não arrogante, mas confiante em si, nas suas possibilidades que eu tenho certeza de que esse Brasil em Ação vai, realmente – como disse aqui o Ministro Brito ao descrever algumas das coisas que nós fizemos nas últimas semanas –, mostrar a sua enorme potencialidade.

Ontem, com o Ministro Dornelles, era a produção de um motor Volkswagen, que foi feito em seis meses em São Carlos, São Paulo. O número de fábricas que estão sendo plantadas no setor automotivo é impressionante. É realmente impressionante.

Os que puderam acompanhar a conversa que eu tive, ontem, com o Chanceler Kohl, da Alemanha, viram o entusiasmo que, hoje, o Brasil desperta na Alemanha, num dos líderes do mundo. O Chanceler Kohl disse sem reboços, de público – e em privado mais ainda –, da confiança que ele tem nessa nova fase do nosso país. Essa confiança é reflexo da nossa própria confiança. O novo do Brasil é que nós voltamos a acreditar em nós próprios. E essa possibilidade de crença, outra vez, é que permite que nós, hoje, estejamos aqui começando a desenvolver projetos – começando porque o Brasil vai precisar ter muito mais projetos do que esse – que têm significado. Estou, realmente, muito contente de poder ter estado com os senhores aqui.

E vejo, com a presença, como já disse o Marcello, da Associação Comercial, da Firjan, de tantos empresários e de tantos parlamentares aqui, de secretários de Estado, que começamos efetivamente a ter uma massa de pessoas que vão sustentar um projeto de transformação do Brasil.

Só tenho a agradecer a colaboração de todos. Tenho certeza de que esse mesmo modelo de coordenação das ações federais, aplicado em outras regiões, produzirá os mesmos efeitos. E nós estamos organizando. Há regiões que me preocupam bastante, como o Nordeste; o Dr. Eliezer Batista sabe, nós conversamos recentemente sobre isso;

Dr. Raphael também. Acho que podemos alavancar, no Nordeste, uma série de ações com esse mesmo modelo. E que haja uma convergência de interesses privados e interesses públicos em benefício do povo da região.

Perdoem-me por ter, talvez, falado demais, mas era para transbordar a minha satisfação com o Rio de Janeiro, que tem um Governador que, finalmente, honra o Rio.

Muito obrigado.

